



Vida Alentejana

SEMANAL DE AGRICULTURA, ZOOLOGIA, TURISMO, DEPORTES

Editor: ANTONIO BELEZA

Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORIA

DIRECTOR

PEDRO MURALHA

Redacção e Administração:

Calc. da Gloria, 25, 2.º — Telef. 2 1044 — LISBOA

Tipografia — RUA DA ROSA, 105

A Vida Alentejana

A sua atitude foi digna de uma grande publicação

Em editorial, anunciou «Vida Alentejana», no seu n.º 28, de que vai suspender a sua publicação no próximo n.º 30. A anunciada e inesperada suspensão, segundo se declara no mesmo artigo, será definitiva, para ceder o lugar ao novo «Jornal do Meio-Dia», prestes a ver a luz da publicidade, se... os seus assinantes se não manifestarem em contrário; também, segundo se depreende de um trecho quasi no final do referido artigo, numa das passagens do mesmo, o conceituado articulista afirma: «Vida Alentejana» deixa saudades, muitas saudades.

E é absolutamente verdade! A interessante, útil e bem redigida revista alentejanista, soube grangear simpatias e sólidas amizades na sua curta existência entre os verdadeiros alentejanos que sincera e entranhadamente amam e defendem o seu torrão natal.

Em Veiros, apesar de, infelizmente, o número de assinantes ser muito reduzido, sabemos que mesmo esse diminuto número, viu com má-gua e surpresa o anúncio a que nos referimos.

É que «Vida Alentejana», no pouco tempo que viveu, soube bem marcar o seu lugar e cumprir a sua missão. Tornando-se mais simpática e apreciada pela maneira justa, recta e imparcial como se orientava e conduzia, interessando-se dedicadamente, pugnano e defendendo acérrimamente todas as causas justas, razoáveis e legítimas que digam respeito ao progresso e desenvolvimento do Alentejo; não distinguindo nem exceptuando terras

grandes de pequenas; não realçando mais os grandes grandes centros nem olvidando ou menosprezando as modestas povoações. A todos tratava no mesmo pé de igualdade e patrocinando com idêntico carinho e disyelo.

A confirmar esta leal e desprezenciosa afirmação, está o facto de Veiros nunca haver sido esquecida, fôsse em que assunto fôsse de que «Vida» tratasse, referente ao Alentejo. E, note-se, não era pelos lucros que auferia desta localidade, pois, que nós sabemos, apenas aqui tinha uns três ou quatro assinantes.

No citado artigo a que nos estamos reportando, queixa-se o ilustre autor do mesmo, de «Vida Alentejana» não ter tido vida mais desafogada, por muitos alentejanos não terem sabido cumprir o seu dever, apontando até alguns casos estranhos que se deram com alguns assinantes, que não só merecem plena reprovação de todos os bons regionalistas, como também indignam e causam repulsa a todos os caracteres bem formados. E para mais, partindo tão censuráveis actos de individualidades categorizadas e cultas...

Não nos surpreende nem nos causa estranheza o que se aponta no aludido artigo. Temos já uma longa prática da vida, e sabemos, infelizmente, por experiência própria, as misérias sociais de que a dita é composta, conhecendo suficientemente os defeitos de que a sociedade está eivada, e os *aleijões* de que enferma a Humanidade:

Quem pode (e deve), não quer;

AOS NOSSOS ASSINANTES

«Vida Alentejana», suspende neste número a sua publicação. Em sua substituição aparece no próximo dia 16, o «Jornal do Meio-Dia», diário que defenderá os interesses do sul do país com muita especialidade as classes agrárias.

A todos os nossos amigos que nos quiseram honrar com a assinatura de «Vida Alentejana», vamos remeter o seu substituto esperando o favor de devolverem o jornal caso não queiram continuar a ser-nos gentis.

A todos os nossos assinantes que tenham assinaturas pagas até ao número 40 ou 50, descontaremos a diferença na assinatura do diário a não ser que nos digam não quererem assinar o mesmo.

A todos os que não liquidaram por completo os seus débitos pedimos o favor de o fazerem logo que lhe seja apresentado o respectivo recibo.

A Administração.

quem quer, não pode, nem... o deixam...

Com inextinguível saudade nos despedimos de «Vida Alentejana», fazendo ardentes e sinceros votos porque o seu sucessor «Jornal do Meio-Dia», tenha vida longa e próspera, repleta de triunfo e glória, com honra para a Imprensa e benefício para o Alentejo!...

MANOEL JOAQUIM ALMADA

(Veiros)

Tenente-Coronel Brito Pais

O Alentejo soube prestar ao desditoso aviador
a homenagem merecida

São 6 e meia da manhã. O despontar da aurora anuncia-nos um autêntico dia de primavera. Lá em cima no Alto de S. João, a silhueta dos ciprestes pintanos um quadro sinistro. Vários automóveis, estacionam em frente do cemitério. Logo que chegamos vimos sair desses autos caras conhecidas. E' o venerando José Júlio Brito Pais Falcão e sua filha D. Maria Júlia; são os seus filhos Joaquim da Silva e José Maria; e por fim a desditosa viuva do saudoso aviador Brito Pais, no meio dos seus dois filhinhos. Depois dos rápidos cumprimentos, entrámos no cemitério, e dirigimo-nos para a sala onde ficam depositados os cadáveres que não puderam receber sepultura, ou que devem ser trasladados para outro local.

A' medida que o dia vai aclarando, veem chegando pessoas cobertas de luto e conduzindo flores. O primeiro a chegar foi a grande glória da aviação, o almirante Gago Coutinho; depois os comandantes Cifka Duarte, António Maia, Amado da Cunha. Entre pouco tempo quasi toda a aviação estava presente. Vão iniciar-se os preparativos para a lúgubre jornada. O corpo do intrépido e saudoso aviador, vai ser transportado para junto do corpo de sua mãe, além num modesto cemitério, duma também muito modesta vila alentejana.

Mas o cenário que se disfruta num cemitério ao romper de um dia é apavorante. Continuam a chegar velhos amigos do desditoso tenente-coronel Brito Pais.

Naquele acto de respeito e de saudade destaca-se a estoicidade de um velho que abraça todos os recenhegados, com tal gratidão que mais parece querer meter toda essa gente no seu coração de pai amargurado.

De repente, uma enorme sonoridade vinda do espaço chamou a atenção de todos os presentes. Um avião veloz roçou quasi os pinheiros dos ciprestes, deixando cair perto da urna um bouquet de flores naturais. Eram modestas essas flores, como modesta é a vida de todos os nossos aviadores; eram flores caídas do céu, representativas de grandes saudades. Quasi todos os assistentes foram sacudidos violentamente por esse gesto sentindo as lágrimas a brotarem-lhe dos olhos.

Depois de tudo concluído, e de tomarem lugares no carro funerário, além da virtuosa viuva, o Reverendo Prior de Colos, e o irmão do finado, José Maria, o cortejo saiu do cemitério em direcção ao Cais do Sodré, onde um vapor enorme, fretado para esse fim havia de conduzir o lúgubre cortejo até C. cilhas, seguindo dali para o Alentejo.

São 8 horas e 10 minutos. Depois do último adeus das pessoas que acompanharam o préstito até ao outro lado do Tejo, começou a caminhada em direcção a Setúbal. Longa caminhada esta. Se o infeliz António Jacinto foi sempre perseguido pelo azar, esse azar que ele soube vencer a golpes de heroicidade, esse mesmo azar o continuou a per-

seguir até entrar na sua última morada, onde sua saudosa mãe o há-de defender.

O carro funerário que conduziu o corpo do infeliz aviador, veio da agencia de Faro. Apelaram para o coração do nosso venerando amigo José Júlio, pai do aviador alentejano. Homem que nunca sabe dizer que não, aceitou a proposta e o carro veio. Mas o carro não tem motor para grandes viagens. E' um número 2900 e tal, velhíssimo portanto, ainda que em novo tivesse um coração valente. E até Colos o carro cançava constantemente tendo o chauffeur que lhe acarinhava o motor. Em Azeitão, com cúmulo da infelicidade, uma camionete de carga veio chocar com o carro funerário e, por um pouco o não fez voltar. Mas deixemos esse rosário de tragédias e sigamos a custo a viagem.

O corpo de António Jacinto Brito Pais só foi reconhecido no Alentejo, donde éle era natural. Passou pela centro de várias povoações como o mais obscuro cidadão. E todavia esse cidadão foi um dos nossos maiores contemporâneos.

Mas, só o Alentejo o soube receber. Logo que o corpo entrou na primeira povoação alentejana, ouviu-se a voz de bronze, anunciando a perda de um dos maiores alentejanos que a trágica morte arrebatou. E por todas as povoações por onde passava, os sinos dobravam lugubrememente, os estabelecimentos encerravam as suas portas, as associações conservavam as suas bandeiras a meia haste e cobertas de crepes, o povo afluía vestido de preto, aos locais por onde passava o cortejo fúnebre, e em muitos olhos vimos lágrimas de saudade.

O Concelho de Odemira, então, vestiu-se nesse dia de crepes. Todas as vilas e aldeias do Concelho se despovoaram para irem a Colos. Ao entrar-se no Concelho, já iam mais de 40 automóveis apinhados de gente. Era todo o distrito de Beja, ali largamente representado. A entrada encontrava-se apinhada de povo. Nas herdades da família do extinto, como Monte Negro, Colombaes e Monte Velho, toda a gente se apresentou de luto.

Nunca Colos recebeu tanta gente, pois sem exagéro deviam encontrar-se ali mais de 10 mil pessoas. Eram ondas enormes de povo que a custo era contido para defender a urna.

A entrada da vila organizou-se uma procissão que a custo e perante uma massa compacta de povo se dirigiu para a Igreja, onde cerca de meio século antes o illustre extinto havia sido baptizado.

Seguidamente, a procissão, sempre comprimida entre massas de povo, dirigiu-se ao cemitério, um modestíssimo cemitério onde jaz há muitos anos a extremosíssima mãe do Tenente-Coronel aviador Brito Pais. Antes, porém, de a urna entrar para a sua última morada, falaram, enaltecendo as virtudes do finado illustre, o sr. Comandante Cifka Duarte, em nome da aviação, Cesar de Miranda na sua qualidade de Presidente da Camara Municipal de Odemira, e António Mantas e Dr. Fonseca, amigos íntimos do finado.

Em nome da imprensa, quem escreve estas linhas também muito comovidamente, proferiu algumas palavras sobre aquele cujo corpo o Alentejo soube receber tão carinhosamente.

De tarde, sobre Colos, voaram alguns aviões. Eram os seus camaradas que vinham dar o último e definitivo adeus a quem em vida tanto trabalhou pelos progressos da aviação.

Vamos concluir este simples relato. Não cabe nas dimensões do espaço que podemos dispor, fazer a descrição pormenorizada do que foi a manifestação que o Alentejo prestou a um dos seus mais illustres filhos. Este artigo simples, como simples era a alma do desditoso aviador, é apenas um artigo de impressões. E tremendas impressões nós tivemos no passado dia 6. Assim, se sentimos o coração amargurado de um venerando pai, podemos também sentir quanta tristeza, quanta amargura torturava um coração bem novinho ainda!

Durante os discursos pronunciados no cemitério de Colos, palavras que fizeram brotar lágrimas de toda a numerosa assistência, uma débil figura de criança ali vimos junto à urna, qua não chorava; que bebia as lágrimas da sua juventude; que se conservava estoicamente como se éle já fóra um experimentado militar, acostumado às maiores dores humanas. Era o Fernandinho, o filho querido do aviador Brito Pais. Ele sofria como ninguém, porque já tem a consciência de haver perdido o seu maior amigo. Infeliz criança!

E agora, tem o Alentejo duas manifestações a prestar. É promover com brilho a tarde do aviador alentejano, angariando donativos para o monumento a erguer em Vila Nova de Milfontes, e é no dia em que esse monumento for inaugurado, perpetuando o *raid*, Milfontes-Macau.

Joaquim Patricio da Cruz

Produtor de cereais

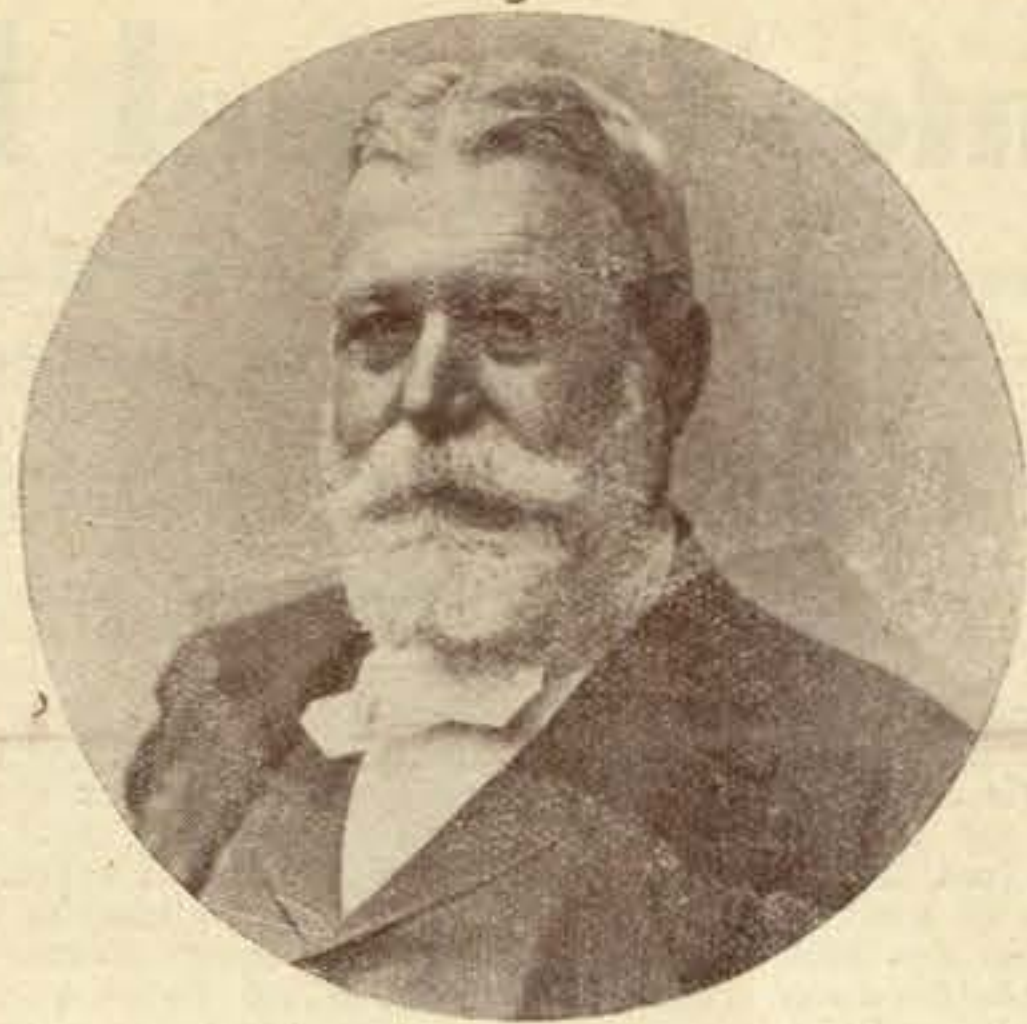
Fábrica de farinha em rama

S. Luiz

ODEMIRA



Dr. Adriano Pequito Seixas de Andrade
(Gavião)



Dr. Alfredo de Andrade
(Barbacena)



Conselheiro Antonio Pequito
de Andrade (Gavião)



Antonio Maria Moura Zagalo
(Monforte)



Dr. Antonio Santos Cidrais
(Elvas)



Francisco de Abreu Calado
(Aviz)



Dr. Francisco Baraona
(Portalegre)



Francisco João de Sousa Zuzarte
(Veiros)

Uma geração benemeritos

Cometeriamos uma falta imperdoável se acessemos estes são dêsse mortos. Desapareceram da *Vida Alentejana* sem termos prestado uma homenagem condigna a essa geração de lavradores que se sucederem. Esses homens 40 anos dirigiram os destinos da Lavoura Alentejana, que é a terra, jana. Estes seguiram-lhe o exemplo.

Então tudo eram dificuldades. Os campos não tinham a abundância de trigo? Já não canalizamos para bravar, as estradas eram raras, e o extremo Alentejo o nosso parco oiro para recebermos era quasi selva, couto de lobos e outras feras? As finanças portuguesas também por esse

Nós, alentejanos, hoje, orgulhamo-nos de o estão equilibradas? A essa geração se deve. que a charneca selvagem é coisa que já não se vê no país se essa geração não tivesse na nossa região. Está tudo cultivado ou em parte os vastos terrenos do Alentejo?

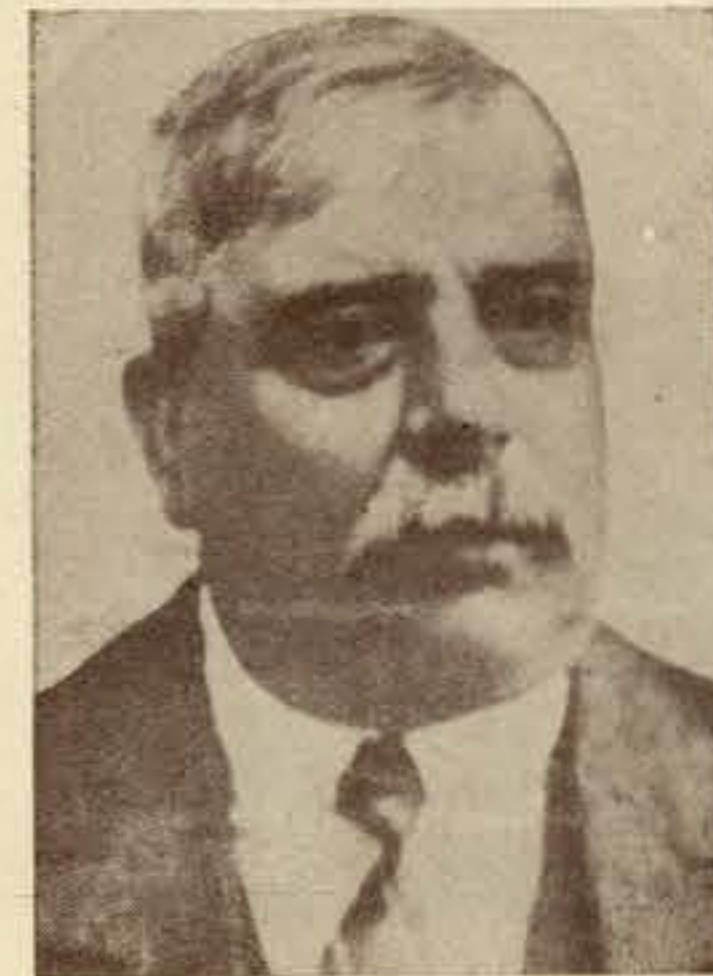
Matagal existe ainda em Portugal, é certo, mas não se encontram a homenagem que *Vida Alentejana* hoje presta aos velhos lavradores alentejanos

E esse grande melhoramento se deve a essa geração justa, é bem merecida. E nós sentimo-nos sação de heróis e sacrificados, que *Vida Alentejana* por termos preparado este encontro dos velhos lavradores, caras tão conhecidas uns dos outros

Os retratos que inserimos nesta página são de nós, homens de agora, apenas olhamos de são de heróis dessa época, todos nascidos no Alentejo, com um grande respeito, sentindo-trito de Portalegre, onde exercem a sua actividade e da coragem.

E sendo todos do mesmo Distrito todos se conhecem, com os seus amigos, e mal diziam eles comnosco, com certeza, todo o Alentejo se curva algumas dezenas de anos volvidos sobre a sua homenagem aos nossos maiores ainda se haviam de juntar, unidos no nosso que só eles foram bem grandes, bem dignos de mento: fazer um Alentejo maior, mais digno das homenagens.

É um autentico cemitério esta página; mas não ferir susceptibilidades dos descendentes, porque há mortos que ficamos dêsse benemeritos.



Francisco José Romão
(Assumar)



Francisco Vaz Monteiro
(Ponte de Sôr)



Francisco José da Silva
(Arronches)



Francisco da Silva Lobão Rasquilha
(Santa Eulalia)



Francisco da Silva Telo Rasquilha
(Santa Eulalia)



João Rodrigues
(Cacia)



José Elias
(Portalegre)



José Maria Carrilho
(Portalegre)



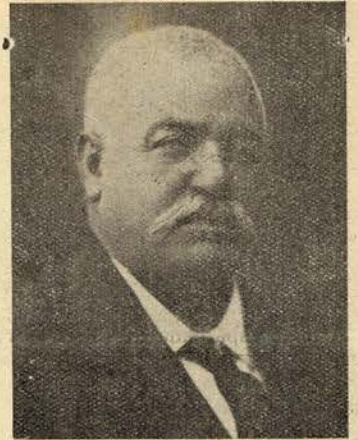
José Mendes
(Alter do Chão)



Luciano M. D. Namorado
(Sousel)



Luiz José Frade Caldeira
Cabeço de Vide



Manoel Fernandes
(Fronteira)



Manoel Maximo de Brito e Castro
(Fronteira)



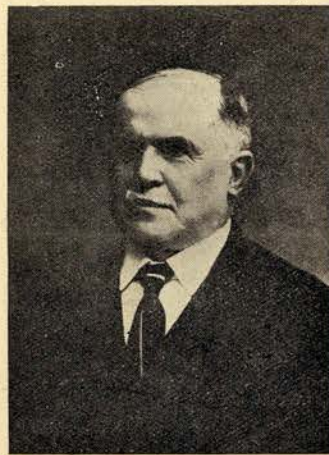
Manoel Prates Pina
(Avis)



Manoel Romão
(Arronches)



Mariano Moreira Costa Pinto
(Monforte)



Silva Picão
(Santa Eulália)



Matias Comes Ponce
(Arronches)

A ROSEIRA

Sua origem e sua importância «ética e étnica»

XIX

Rosas vermelhas

A mais espalhada de todas as rosas vermelhas é certamente a «General Mac Artur». Trata-se de uma variedade extremamente florífera, robusta e resistente as molestias criptogâmicas, bem como ás mudanças bruscas de temperatura. As flores são grandes, bem dobradas e muito perfumadas, conservando a sua bela confecção mesmo depois de estarem plenamente desabrochadas. O seu único defeito é que o brilhante colorido escarlate das suas flores, passa com o tempo para os matizes abulados. Mas esse defeito é comum á quasi totalidade das rosas vermelhas. Recomendável é tambem a «Laurent Carl», de um colorido vermelho-sangue aveludado e um delicioso perfume muito penetrante. Esta variedade é florífera e cada broto termina num botão floral. O seu vigor é, entretanto, antes médio do que forte. Merece especial menção a «Bryce Allan», uma das rosas mais bonitas, e daquelas que assim es conservam durante longos dias, mesmo depois de cortadas.

O seu colorido é carmim puro que nunca empalidece. Os pedunculos são muito fortes e compridos. A folhagem lustrosa coriácea é forte á prova de qualquer ataque fugoide. Não menos digna é uma rosa genuinamente paulista, a «Rosa Paraiso», de vigoroso crescimento e grandes flores muito dobradas, dum carmim uniforme matizado de salmão ala-

Pelo Professor S. Decker

ranjado. A flor cortada conserva-se em estado perfeito por muitos dias. Entre as recémvindas mais estimáveis contam-se a «Glorie de Hollande», «Etoile de Hollande» e a «Lord Charlemont».

As rosas das duas primeiras variedades brilham com o mais vivo e mais puro escarlate, ao passo que as da última ostentam vermelho-fogo. As flores da «Lord Charlemont» são muito grandes, ao passo que as da «Etoile de Hollande» e da «Glorie de Hollande» são de tamanho moderado. Todas as três são deliciosamente perfumadas e de belíssima confecção.

A rosa vermelha ideal para a floração hibernal e primaveril é a «Magna Charta». Esta variedade é tão vigorosa que deve ser afastada das plantações em associação com variedades tais como a «Druschki», «Sachengruss», «Madame Jules Gravereaux» e semelhantes.

As flores são carmim escuro e muito grandes, assentadas sobre hastas compridas e muito espinhosas.

A «Hadley Rose» (H. C.) deve ser citada entre as variedades mais preciosas. É muito florífera e odorífera e de um crescimento vigorosa. As flores são soberbas, enormes, vermelho vinhoso aveludado, matizadas de preto. As hastas são muito compridas, sendo a fôlha isenta de qualquer moléstia cryptogâmica. A «J. C. Clark» não é mais nova, mas sempre querida graças ao escarlate carregado das suas flores matizadas de carmim.

Egipto» (todo o ano); «Rainha das pretas» de formato oval (todo o ano).

Sementes — pêso por litro, 250 gramas; 1 grama contém 50 sementes, reunidas em glomerulos de 3 a 5, que se seameam assim mesmo; *longevidade*, 6 anos; *tempo de germinação*, 6-8-14 dias; *poder germinativo*, 140 por cento (calculado sobre 100 glomerulos de 3-5 sementes). Precisam-se 50 gramas de sementes para semear 100 metros quadrados, que rendem mais ou menos 250 quilogramas de beterrabas.

Conselhos culturais — solo fôfo, nutritivo, argilo-silicoso, surribado a 35 centímetros de profundidade, e tendo recebido estrume orgânico no ano ou na cultura anterior.

O Mel

Suas aplicações na doçaria caseira

(Do Pôsto Central do Fomento Agrícola)

BOLO ESPONJA DE MEL

Mel, 1 chávena grande; farinha, 1 chávena grande; ovos, 5.

Juntam-se as gemas dos ovos ao mel e batem-se as claras em neve; mistura-se tudo, mexendo o menos possível. Dá-se ao bolo um sabor especial adicionando-lhe um pouco de sumo de limão.

BOLOS FRANCESES

Farinha de trigo, 270 grs.; Açúcar, 150 grs.; Mel, 50 grs.; Manteiga, 40 grs.; Leite, 1 chávena das de chá; Sumo de limão, ½; Bicarbonato de soda, 1 pitada.

Derreter o mel e a manteiga; juntar o leite, o açúcar e o limão. Depois de tudo bem ligado juntar a farinha. Em taboleiro untado de manteiga, deitar pequenas porções com uma colher de chá e levar ao forno.

BOLO FRESCO

Açúcar, 250 grs.; Ovos, 4; Limão (raspa), um pouco; Manteiga, 1 colher das de sopa; Mel, 2 colheres.

Depois destes elementos estarem bem misturados junta-se-lhes:

Farinha de trigo, 250 grs.
Vai ao forno a coser numa lata untada de manteiga.

BOLO PODRE ALENTEJANO

Mel, 8 decilitros.
Azeite, 6 decilitros.
Açúcar, 460 gramas.
Ovos, 16.
Canela e cravo em pó: quantidade bastante.
Farinha muito fina: quantidade bastante.

Mistura-se em um alguidar o mel, o azeite e o açúcar, e vão-se juntando as gemas de ovos, 2 a 2, e batendo sempre até deitar as 16. Bate-se muito bem até fazer castelo, e quando vai para o forno, junta-se a farinha e as claras previamente batidas em espuma firme, e depois de tudo muito bem ligado, vai ao forno em formas untadas com azeite ou banha.

Conselhos práticos para a cultura de hortaliças

Pelo Professor S. Decker

XV

Beldroega — «Dourada» (todo o ano).

Sementes — pêso por litro, 600 gramas; 1 grama contém 2.500 sementes; *longevidade*, 7 anos. Semear

em qualquer momento do ano, a lanço ou em linhas, em terra fôfa, sílico-argilosa e bastante rica, conservando-a sempre fresca. A colheita faz-se o ano inteiro.

Beterraba — «Rôxa comprida» (todo o ano); «Redonda chata de

Sai no dia 16 de Abril

«Jornal do meio dia»

EDIÇÃO DIARIA (da «Alentejana Editora» em organização)

DIRECTOR: PEDRO MURALHA

Colaborado por profissionais da imprensa
e com um serviço telegráfico e telefónico
desenvolvido

Novo aspecto gráfico e literário

«JORNAL DO MEIO DIA»



*inserirá interessantes Secções, tais como: Utilidades,
Charadística, Abertura de Câmbios, etc.*

A começar no 1.º número:

Ártigas: Trabalho inédito de Pedro Muralha. É a história da colonização portuguesa no Uruguai e a descrição da independência das nacionalidades americanas

Assine já o «Jornal do meio dia»
cujo preço é de 6\$00 Esc. mensais Número avulso \$30

Aceitam-se agentes e correspondentes
em todo o País

Redacção e Administração

Calçada da Glória, 25-2.º

TELEFONE 21044